

## **DA COERÇÃO À COESÃO**

Congresso Internacional Sobre Drogas, Lei, Saúde e Sociedade.

Uma oportunidade inédita para se redefinir os rumos de uma política sobre drogas no Brasil.

Boa tarde a todas e a todos, queria parabenizar o Renato Mouzer pela iniciativa e pelo poder de catalizar tantas pessoas interessadas nesse debate, e que lamentavelmente não têm tido espaço de expressão para fazer esse debate.

Só existe uma maneira da sociedade se proteger dos malefícios eventualmente causados por algumas substâncias psicoativas ou pelos princípios psicoativos presentes em algumas substâncias: e esse recurso se chama informação.

Informação de boa qualidade, informação democrática e facilmente acessível, informação realística, capaz de dissolver as brumas do engano, da falsificação, da mentira e da manipulação. Portanto a arma mais importante que nós, os que temos uma perspectiva democrática para a vida social, que nós temos para tratar do tema das drogas é o livre acesso, o livre consumo e a livre distribuição de informação de boa qualidade sobre drogas, não é ?

Então, de alguma maneira, essa informação sobre o uso de drogas, sobre a presença das drogas é ela que pode interferir, na informação do juízo justo sobre o tema, capaz de fortalecer o livre arbítrio individual para que cada sujeito possa estabelecer a melhor forma de relação com essas substâncias psicoativas. Estou advogando que a qualidade da informação que circula na sociedade é o principal recurso que nós temos, que uma sociedade pode ter para enfrentar o que tiver que ser enfrentado no tema das drogas.

Quando nós analisamos a quantidade e a qualidade da informação sobre drogas que circula na sociedade brasileira, constatamos inevitavelmente, como vimos com o parlamentar que hoje se retirou desse debate, que o clima do debate público sobre a questão das drogas no Brasil, ele é de má qualidade, predominam as fontes marcadas por uma perspectiva demonizadora, manipuladora das emoções, promotora de terrorismo social, do medo, da catástrofe.

É pela mistificação, pela manipulação, pelo engano, que o Brasil produz esses pílios heróis, vide Osmar Terra, Carimbão, esses pílios heróis, que são falsos defensores da sociedade contra substâncias inertes, eleitas como o mal.

Muitos se beneficiam no Brasil, da manutenção desse modo de relação obscurantista com o tema das drogas. Por exemplo, o crime da apologia. Hoje um promotor invocado poderia vir aqui nessa sala e dar uma “enquadrada” em muita gente que está por aqui, muita gente que está conversando por aqui. Esse evento poderia ser “enquadrado” por um promotor de má vontade, com o evento, que estaria incluído... “as pessoas estão falando de drogas”, inclusive falando coisas que, que até oito meses atrás, antes do Supremo se pronunciar sobre o tema da legitimidade da Marcha Da Maconha, um tema que estava interdito judicialmente, a possibilidade, com ideias muito parecidas, com essas ideias que nós estamos ouvindo aqui no dia de hoje.

Então de alguma maneira, o impedimento da circulação da livre informação democrática, do livre pensamento, revela o quanto os detentores da verdade, do poder sobre as drogas se mantém no registro da criminalização e [as informações] são monopolizadas pela medicina legal, os médicos, os policiais, os advogados e os moralistas travestidos de agentes religiosos de todos os matizes.

Isso tem me feito interessar pela história das ideias sobre drogas no âmbito da sociedade brasileira. Por que é que a forma como nós brasileiros, a sociedade brasileira, lida com o tema das drogas, vamos dizer, o que é nós temos de particular?

Por que é que nós assumimos quase uma culpa interior quando tratamos do tema das drogas? Por que todo brasileiro, ele quer se mostrar que é suficientemente isento, e de que ele não tem compromissos com isso e de que ele não faz parte dessa gente? Por que é tão escandaloso quando, por exemplo, um apresentador de televisão qualquer fala “eu fumei maconha” ou “eu fumo maconha”? Por que isso pesa tanto socialmente, mais inclusive do que em outros países? Porque fiz isso, fiz uma interrogação para os meus amigos, sobretudo latino americanos, sobre o modo como o tema das drogas, a forma demonizada como o tema das drogas é trabalhada entre nós. Isso nos leva inevitavelmente ao tema da desigualdade social e da história social dessas substâncias na nossa sociedade, sobretudo do álcool e da maconha.

Efetivamente, nós somos o país que pode ser definido por uma fórmula 6:8:200/400 e/c. Explico o que é isso: somos a sexta economia mundial, sexta economia mundial! Somos o oitavo país em desigualdade social e distribuição de renda no mundo, o oitavo pior país, somos o único país que somos a sexta economia e somos o oitavo país em desigualdade social e somos o único que temos duzentos milhões de pessoas e não compreenderemos essa fórmula 8: 6 : 200 se não levarmos em consideração que somos o único que temos quatrocentos anos de escravidão e quatrocentos anos de colonização. E as consequências de quatrocentos anos de colonização e escravidão moldando a subjetividade social do modo de ser brasileiro, ou ao modo da casa. Ser brasileiro é sermos todos, conscientes ou inconscientes, portadores dessa história social que nos acompanha.

E nos acompanha, por exemplo quando esse auditório está constituído. Porque aqui estão as pessoas apazíveis, aqui estão as pessoas que merecem apreço, são gente de primeira categoria, gente de segunda categoria não está aqui entre nós!

Não vejo os de segunda categoria entre nós, não vejo favelados, não vejo pobres, não vejo ralé, não vejo essa gente desqualificada, porque na sociedade brasileira é possível isso! É possível que nós sejamos um Estado, uma nação, onde parte das pessoas se reúnam entre si e a outra parte se reúna entre si, e que essas partes não se misturem.

De alguma forma a compreensão do tema recente das drogas na sociedade brasileira, a compreensão do que aconteceu efetivamente para que o crack existente nesse país desde o fim dos anos oitenta e princípio dos noventa, tenha passado despercebido socialmente da curiosidade social, inclusive dos nossos meios de comunicação, durante cerca de quinze anos, para de repente começar a aparecer como problema número um da sociedade.

O que terá acontecido, efetivamente, durante os primeiros dez anos da presença do crack entre nós? Foram eles: a ralé, foram eles, o lumpem proletariado, foram eles, esse rebotalho humano que constitui parte da sociedade brasileira, que estava se destruindo, e nós de alguma forma, percebemos com incômodo as suas formações sociais de espaços e cenas de uso, mas consideramos que não nos dizia respeito.

Efetivamente em vinte anos, o crack passa a ser objeto de preocupação, inclusive dentro do aspecto político; há cerca de quatro anos, no final do segundo

mandato do presidente Lula é que efetivamente se ensaia alguma política de Estado que leva o tema de enfrentamento do crack.

O crack ganhou visibilidade social, e hoje a maior parte das pessoas pensam que efetivamente, isso é opinião pública [é o problema número um]. Nas eleições passadas, na apuração das eleições passadas, a apuração dos problemas mais importantes que os prefeitos tinham que enfrentar na sociedade brasileira, o primeiro problema era o problema das drogas, eu não tenho dúvidas que hoje na sociedade brasileira o crack está colocado como problema número um da sociedade brasileira .

Eu não tenho certeza, ou melhor, tenho certeza do contrário, de que efetivamente sob nenhum ponto de vista, de qualquer natureza, o crack possa ser considerado o problema número um da sociedade brasileira. Ele não o é, nem do ponto de vista epidemiológico, de qualquer ponto de vista, ele não é o problema número um.

Entretanto ele se construiu na percepção social como o problema número um, e me interessa analisar como é que um fenômeno se constrói para as pessoas como verdade, como realidade, mobilizando corações e mentes, mobilizando paixões, para que toda uma sociedade se engaje na mesma direção de sentimentos, afetos, reflexões sobre o que está acontecendo no Brasil.

Então queria lembrar que também nesse mesmo período, aconteceu um outro fenômeno sui generis na sociedade brasileira. O governo do presidente Lula, efetivamente, no seu desencadeamento de conjunto de ações, o governo do presidente Lula produziu uma coisa que era absolutamente regulada a conta-gotas no Brasil, que se chama: mobilidade social.

No Brasil se ascendia socialmente, regradamente, com critérios muito objetivos; efetivamente o conjunto de políticas sociais estabelecidas a partir do governo Lula produzem uma mobilidade social sem precedentes, nós estamos falando, num país com duzentos milhões de habitantes, na mobilidade social objetiva de setenta milhões de brasileiros.

Se as pessoas pensam que mudar de classe social pode acontecer para um, para outro, individualmente como experiência interessante e instigante de conquistas e ampliação de possibilidades, quando nós falamos de grandes contingentes populacionais que mudam de classe social, nós falamos na instabilização, nós falamos na quebra das solidariedades originais que existiam, nós

falamos num momento em que a sociedade efetivamente se fragiliza no registro de uma incerteza acerca do seu futuro.

Foucault, na “História da loucura”, nos diz que o renascimento produziu isso, quando nos quadros de Hieronymus Bosch, no “Elogio da loucura” do Erasmo de Roterdã, pareciam anunciar que o mundo estava acabando. E estava acabando! O mundo feudal estava acabando, estava se estabelecendo um novo mundo, a nova ordem e o renascimento trouxe, e os sentimentos traduzidos por esses exemplos que dei, eram uma tradução exatamente de uma apreensão social.

Então, nós podemos dizer que nós estamos diante de uma apreensão social causada pela fragilização dos laços sociais, produzido pela mobilidade social; onde os que estavam nas cracolândias e não eram parentes de ninguém que vale a pena, que importa, alguém que tem valor... agora são primos, irmãos, são parentes, é alguém de alguém. Os que eram todos nivelados como zé ninguém's, agora se distinguem, e efetivamente só nessa linha e nessa direção nós poderíamos compreender por exemplo, o peso que as igrejas evangélicas assumem nesse processo dentro da mobilidade social brasileira. Nós podemos compreender toda uma onda reacionária que assola o país nesse momento, nós podemos compreender o embaraço dos nossos governantes em lidarem com novas realidades políticas eleitorais, onde os que não tinham voz agora passam a ter voz e ser representados por bancadas evangélicas no congresso.

Enfim, estou dizendo que efetivamente não é verdade que nós estejamos produzindo nesse momento uma fragilização social de setores da sociedade, pelo contrário. A política é uma política inclusiva, e que efetivamente trabalha na direção da erradicação da miséria.

O que estou dizendo, é que as sensações derivadas de políticas inclusivas que deslocam grandes contingentes populacionais e a forma de expressar no imaginário social, o risco, o perigo, o medo, a angústia a insegurança, a incerteza, ganham novas figuras, novas imagens e acho que nesse momento, uma dessas figuras e uma dessas imagens centrais no imaginário social brasileiro, do ponto de vista do dramático processo de transformação gerado pela mobilidade social que nós vivemos, nesse último período, o nome disso tem sido debitado às costas da droga.